Décima sexta carta — O costume de rezar de braços estendidos, comum aos Judeus e aos pagãos

> **Sumário.** Aos Judeus: Moisés. — Davi. — Salomão. — Aos pagãos: passagem de Apuleio. — A estátua da Piedade, ou da Compaixão, entre os Romanos. — Explicação das palavras de são Paulo: Rezar com as mãos puras. — Significação misteriosa da elevação das mãos e da genuflexão ao rezar. — Nessa atitude o homem se põe em cruz. — Respeito da cruz entre os selvagens e por toda parte. — Passagens de Plínio, de Sérvio e de Arnóbio. — O elefante entre os egípcios.

13 de julho.

Meu caro Frederico,

Falando de sua missão, o Redentor do mundo dizia:

> *Não julgueis que vim destruir a lei, ou os profetas: não vim a destruïlos, mas sim a dar-lhes cumprimento.*

A Igreja católica, tua mãe e minha, pode dizer o mesmo:

> *Em matéria de santas tradições, nada deixei perder; tudo conservei, tudo enobreci, tudo expliquei.*

Assim, não foi ela quem deu origem ao costume de rezar de mãos estendidas; recebeu-o por herança do antigo povo de Deus.

Para citar apenas algumas provas: vemos Moisés, Salomão, Davi, três dos mais célebres representantes do povo figurativo, rezar de mãos elevadas ao céu.

Miraculosamente tirados da servidão do Egito, os Hebreus marchavam para a Terra prometida; nações inimigas lhes barravam a passagem. Chegados ao vale de Rafidim, encontraram os Amalecitas, que lhes ofereceram batalha. Para assegurar a vitória ao seu povo, que faz Moisés? Sobe à colina que domina o campo de batalha e põe-se a rezar de mãos estendidas para o céu. Misteriosa potência dessa atitude! Todas as vezes que Moisés reza de mãos estendidas, Israel ganha terreno; todas as vezes que, por cansaço, as deixa cair, Israel recua.[1]

Salomão acabava de concluir a construção do mais magnífico templo do mundo antigo. Na presença de todo Israel, acorrido para assistir à consagração do incomparável edifício, o grande rei põe-se de joelhos; e, de mãos estendidas para o céu, agradece ao Senhor por ter-se dignado escolher uma morada entre os homens.[2]

Davi, seu pai, lhe havia dado o exemplo da oração nessa atitude. Vês esse rei segundo o coração de Deus, pedindo ao Senhor que atenda a sua oração? Para ser ouvido, que atitude vai tomar? Diz:

> *Suba direita a minha oração como incenso na tua presença: seja a elevação das minhas mãos sacrifício da tarde.*[3]

Para compreender essas palavras, o sacrifício da tarde, cumpre que te lembres, meu caro amigo, e que muitos outros aprendam, que o sacrifício da tarde era, de todos os sacrifícios antigos, o mais honrado e o mais eficaz. Era o fim e como que o coroamento do dia. Representava a santa Eucaristia, instituída à tarde. Era oferecido pela expiação de todos os pecados cometidos desde a manhã.

Não só o santo rei rezava de mãos estendidas, mas conjurava todo o povo a seguir o seu exemplo.

> *Eis aqui bemdizei agora ao Senhor, dizia, todos os servos do Senhor: os que persistis na casa do Senhor, nos atrios da casa do nosso Deos. Nas noites levantai as vossas mãos para o Santuário, e bemdizei ao Senhor.*[4]

Seria fácil citar muitos outros exemplos que provam a universalidade e a perpetuidade do costume que tinham os Judeus de rezar de mãos elevadas ao céu.

O mesmo se dava entre os pagãos. *«A nossa atitude ao rezar, diz Apuleio, é erguer as mãos ao céu.»*[5] Sabes que a estátua da Piedade, erigida pelos romanos no centro de sua cidade, representava uma dama romana de braços estendidos para o céu. Sabes ainda que Constantino quis fazer-se representar na mesma atitude.[6]

No texto de são Paulo que te citei acima, encontram-se estas palavras: *«Levantando as mãos puras»*: *Levantes puras manus.* Convém explicá-las, porque nelas encontramos o testemunho de uma antiga tradição, religiosamente conservada por nossos pais na fé e cujos venerandos vestígios ainda existem entre nós. O Apóstolo quer que, ao rezar, elevemos ao céu mãos puras. Não se trata apenas da pureza espiritual das mãos, isto é, da isenção de toda mancha de pecado — roubo, avareza, impureza —, mas da pureza material produzida pela lavagem das mãos. Ora, entre os Judeus era costume lavar as mãos antes de rezar. Não esqueceste um dos textos reveladores desse uso. Num de seus salmos Davi diz a Deus:

> *Mas lavarei as minhas mãos entre os innocentes: e estarei, Senhor, ao redor do teu altar.*[7]

Dóceis à recomendação do Apóstolo, que aliás apenas perpetuava um antigo costume, os primeiros cristãos tinham o cuidado de lavar as mãos antes de rezar. Faziam-no por respeito à santa Eucaristia, que os homens recebiam nas mãos nuas e as mulheres nas mãos cobertas com um véu branco, chamado Dominical. Faziam-no também para lembrar a pureza de alma que se devia trazer à oração. Daí aquela palavra de Tertuliano: *«Rezar de mãos lavadas, mas de alma manchada, que oração é essa?»*[8]

Para essa ablução material havia, como sabes, no átrio ou pátio quadrado que precedia as igrejas, vastas bacias e, para a purificação espiritual, outros vasos cheios de água benta.[9] Hoje as primeiras desapareceram; resta a pia colocada à entrada das igrejas, para que, tomando a água benta, os fiéis expiem as suas faltas leves; só os sacerdotes lavam hoje as mãos durante a missa.[10]

Muitos talvez, entre esses homens que, não duvidando de nada, estão sempre dispostos a criticar as cerimônias da Igreja, ficarão bem espantados ao saber que o uso de lavar as mãos antes de rezar é comum não só aos Judeus e aos cristãos, mas também aos pagãos; de modo que, para achá-lo inútil ou absurdo, é preciso processar todo o gênero humano. Que ouçam um dos poetas da bela antiguidade:

> *A castidade agrada aos Deuses; vinde com vestes puras; e com mãos puras tomai a água da fonte.*[11]

Em minha carta anterior, prometi explicar-te a significação misteriosa da elevação das mãos durante a oração. Agora que conheces a antiguidade e a universalidade dessa prática, vou cumprir a palavra.

É na cruz, e formando ele próprio uma cruz, que o Filho de Deus salvou o mundo. *«E eu quando for levantado da terra, todas as cousas atrahirei a mim mesmo»*, dizia ele: isto é, quando eu for uma cruz viva, posta entre o céu e a terra, atrairei tudo a mim, a mim que sou a Verdade, a Vida, a

Salvação para os anjos, para os homens, como para todas as criaturas.[12] Ora, esse Salvador crucificado e salvando o mundo por sua cruz era a expectativa de todas as nações: *Desideratus cunctis gentibus.* A tradição fielmente conservada lhes ensinava não só a sua vida, mas também a sua morte.

Como o homem só pode ser salvo se se torna semelhante ao seu Salvador, sempre tomou em suas orações, adorações e sacrifícios a atitude de um crucificado. Jamais conheceu outra tão capaz de tocar o coração de Deus. Daí dois fatos inexplicáveis fora dos dados tradicionais: primeiro, o respeito instintivo pela cruz, mesmo da parte dos povos selvagens, e a sua confiança nesse sinal misterioso; depois, o uso tão antigo quanto o mundo e tão extenso quanto o gênero humano de rezar de joelhos em terra e de braços estendidos em forma de cruz.

Quanto ao primeiro fato, ouve esta história. Quando os espanhóis descobriram a América, encontraram grande número de ruínas gigantescas, monumentos desfigurados, mas reais, de uma antiga civilização muito adiantada. Encontraram, entre outros, o célebre templo de Palenque, no qual estava esculpida uma magnífica cruz, de grandes dimensões e objeto da adoração dos selvagens. O mesmo sinal de salvação, cercado das mesmas honras, foi encontrado em várias outras ilhas.

Em 1522, pouco antes da aparição dos espanhóis no Iucatã, o grande sacerdote dos ídolos, Chilam Balam, fez a seus concidadãos a espantosa predição que vais ler:

> *No fim da décima terceira idade, virá o sinal de um Deus que está nos céus; e a cruz pela qual o universo foi iluminado manifestar-se-á ao mundo. Haverá divisão nas vontades, quando esse sinal for dado nos tempos futuros. Antes que os sacerdotes tenham andado uma légua, vereis a cruz aparecer de um polo a outro. O culto dos falsos deuses cessará... Vosso pai vem, ó Itzalanos! Recebei os vossos hóspedes barbudos do Oriente, que vos trazem o sinal de Deus.*

> *Devemos incensar a cruz. Ela aparece hoje em oposição à mentira. É mostrada ao mundo em contraposição à primeira árvore do mundo. É o sinal de Deus nos céus. Adorai-a, ó Itzalanos, com vontade reta. Eu vos advirto e vos mando, eu, vosso intérprete e mestre Balam; e agora acabei de dizer o que o verdadeiro Deus me havia ordenado, para que o mundo o ouvisse.*[13]

Vemos aqui, meu caro Frederico, que Deus jamais ficou sem testemunho. O sacerdote americano é uma sibila. A sua linguagem não é mais espantosa que a da sibila de Cumas, traduzida por Virgílio. Quanto ao respeito à cruz da parte dos antigos povos pagãos, egípcios, gregos, romanos, falei dele suficientemente no *Tratado do Sinal da Cruz*; é inútil repeti-lo aqui. Farei notar apenas que, por uma astúcia digna dele, Satanás quis desonrar a cruz, fazendo dela o instrumento do suplício mais ignominioso.

Do respeito universal pela cruz conhecemos a causa, nós, cristãos católicos. Há mil e seiscentos anos que a Igreja, pela boca de Tertuliano, a explicava a nossos pais:

> *Pela elevação das mãos, oferecemo-nos a Deus e entregamo-nos em suas mãos. A atitude do cristão ao rezar anuncia que está pronto a sofrer tudo, segundo o modelo do Calvário.*[14]

Assim, quando vemos o sacerdote no altar rezando de mãos estendidas, temos diante dos olhos a grande Vítima do mundo, o Filho de Deus, imolando-se na cruz.

Chego ao segundo fato enunciado acima, a saber, o costume de rezar de joelhos em terra. Já sabemos que esse costume foi permanente entre os Judeus e os cristãos. Resta mostrar que não o foi menos entre os povos pagãos do mundo antigo. É uma prova a mais de que a Genuflexão é uma lei da criação inteira.

> *Há, diz Plínio, uma espécie de culto para os joelhos do homem, que se manifesta pelo respeito que se lhes tem. Os suplicantes os tocam; para eles estendem as mãos; adoram-nos como altares, sem dúvida porque ali está o princípio da vitalidade.*[15]

A propósito de um verso da *Eneida*, o mais antigo comentador de Virgílio, Sérvio, deu uma razão:

> *Os físicos, diz ele, ensinam que cada parte do corpo é consagrada aos deuses: a orelha à Memória, a fronte ao Gênio, a mão direita à Fé, os joelhos à Misericórdia.*[16]

Assim, quer rezando aos homens, quer rezando aos deuses, os pagãos abraçavam os joelhos, sede da misericórdia, para significar que o que pediam lhes seria concedido.

> *Não vedes, dizia-lhes Arnóbio, que ridicularizais os vossos ídolos? Abraçais-lhes os pés e os joelhos, e os apalpais ao rezar.*[17]

Daí veio o costume de untar de cera os joelhos dos deuses e de colar neles tabuinhas em que estavam escritos os pedidos que se lhes faziam: *«Por isso, diz Juvenal, é permitido untar de cera os joelhos dos deuses.»*[18]

Princípio da vitalidade, sede da misericórdia, os joelhos são incontestavelmente o símbolo do vigor. Neles repousa a força e deles parte o movimento. Com efeito, assim como dobrar os joelhos é confissão de fraqueza e de indigência, assim não os dobrar é sinal de poder e de dignidade.

Tal é a razão por que, entre os egípcios, o elefante era o emblema do poder real. O poderoso animal não dobra o joelho, isto é, não precisa do socorro alheio e não tem súplica a fazer a quem quer que seja. Assim, abraçar os joelhos de alguém nada mais é que reconhecer a sua força, a sua dignidade e o poder, se quiser, de socorrer aquele que o invoca. Eis, meu caro amigo, alguns dos mistérios encerrados na Genuflexão. A prova incontestável de que são muito reais é a prática religiosa e universal da Genuflexão, em todos os séculos e entre todos os povos do mundo. Não me estenderei mais sobre esse assunto, aliás tão interessante quanto pouco estudado. É tempo de terminar esta carta, já longa demais.

Todo teu.

Notas

[1] *Cumque levaret Moyses manus, vincebat Israël; sin autem paululum remisisset, superabat Amalec.* — «E quando Moysés tinha as mãos levantadas, vencia Israel: mas se as abaixava hum pouco, vencia Amalec» (Ex 17, 11).

[2] *Flexis genibus contra universam multitudinem Israel, et palmis in cœlum elevatis, ait: etc.* — «posto de joelhos, com o rosto virado para toda a multidão d'Israel, e as mãos levantadas ao ceo» (2 Par 6, 13-14).

[3] *Elevatio manuum mearum sacrificium vespertinum.* (Sl 140, 2).

[4] (Sl 133, 1-2).

[5] *Habitus orantium hic est, ut manibus extensis ad cœlum precemur.* Apuleio, *Do mundo*.

[6] Eusébio, *Vida de Constantino*, liv. III, cap. III.

[7] *Lavabo inter innocentes manus meas et circumdabo altare tuum, Domine.* (Sl 25, 6).

[8] *Quæ ratio est, manibus quidem ablutis, sed spiritu sordidato, orare?* Tertuliano, *Da oração*, cap. XIII.

[9] Eusébio, *História*, liv. X, 4.

[10] É bom lembrar que Pio IX concedeu 100 dias de indulgência, aplicáveis às almas do purgatório, ao sinal da cruz feito com a água benta.

[11] *Casta placent Superis, pura cum veste venite, et manibus puris sumite fontis aquam.* Tibulo, *Elegias*, liv. I, eleg. 2.

[12] *Si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad meipsum.* (Jo 12, 32).

[13] Frederico de Waldeck, *Viagem pitoresca e arqueológica na província de Iucatã*, p. 35.

[14] *Extensione manuum nos Deo offerimus et quasi in manus ejus dedamus... Paratus ad omne supplicium ipse habitus orantis christiani.* Tertuliano, *Apologética*, cap. XXX.

[15] *Hominis genibus quædam religio inest, observatione gentium; hæc supplices attingunt, ad hæc manus tendunt, hæc ut aras adorant, forte quia eis inest vitalitas.* Plínio, *História natural*, liv. XI, cap. XLV.

[16] *Dixerat et genua amplexus genibusque volutans hærebat...* — «Disse, e abraçando-lhe os joelhos e rolando a seus pés, agarrava-se a ele...» (Virgílio, *Eneida*, III). — *Physici dicunt esse consecratas numinibus singulas corporis partes, ut aurem Memoriæ; frontem Genio; dexteram Fidei; genua Misericordiæ.* Sérvio, *Comentário à Eneida*.

[17] *Ita enim ridetis hæc signa, quorum plantas et genua contingitis, et contrectatis orantes.* Arnóbio, *Contra os pagãos*, liv. VI.

[18] *Propter quæ fas est genua incerare deorum.* Juvenal, *Sátiras*, X.

Revision #1
Created 24 November 2026 01:13:47 by Admin
Updated 24 November 2026 01:13:47 by Admin